



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 04, pp. 55361-55364, April, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24370.04.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

AUSÊNCIA DE SEPARAÇÃO NA RELAÇÃO DO SER HUMANO COM A NATUREZA ATRAVÉS DAS ARTES MARCIAIS: UMA ANÁLISE DA ANIMAÇÃO KATANAGATARI

*Rafael Augusto Montassier

Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 03rd January, 2022

Received in revised form

14th February, 2022

Accepted 22nd March, 2022

Published online 27th April, 2022

Key Words:

Animação, Corpo, Espada, Katanagatari, Natureza.

*Corresponding author:

Rafael Augusto Montassier

ABSTRACT

O presente artigo apresenta uma análise da animação Katanagatari através da utilização de conceitos de semiótica, antropologia e história. Essa obra narra as aventuras de Yasuri Shichika, um espadachim praticante de um estilo de esgrima em que o próprio lutador se converte em uma espada e a pessoa por ele protegida se torna o espadachim. Com base em conceitos advindos de religiões asiáticas como budismo, xintoísmo e taoísmo, a presente pesquisa propõe que a imagem do corpo do protagonista Shichika, pode ser interpretada como uma ponte que permite ao espectador perceber a “ausência de separação” entre o ser humano e a natureza. Para isso foram utilizados os teóricos, Christine Greiner, Hitoshi Oshima e Stephen Turnbull e, através desses autores, é possível mostrar a prática das artes marciais como algo complexo para além da violência física, permitindo que o corpo seja visto como um mecanismo que explicita a ausência da separação do ser humano para com o seu ambiente.

Copyright © 2021, Rafael Augusto Montassier. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Rafael Augusto Montassier. “Ausência de separação na relação do ser humano com a natureza através das artes marciais: uma análise da animação katanagatari”, *International Journal of Development Research*, 12, (04), 55361-55364.

INTRODUCTION

O autor Hitoshi Oshima em seu livro sobre o pensamento japonês destaca a enorme importância da perspectiva mítica desse povo em suas manifestações culturais. Dentro dos registros antigos que relatam a criação mítica do Japão, é possível notar, em sua estrutura narrativa, uma sensação de ausência de separação para com a natureza, mais especificamente pela ausência de um criador supremo que originou tudo, ou como nas palavras do autor

A concepção de mundo criado sem um autor-criador correspondente, no nível moral, à idéia do ato sem sujeito, que é fundamental na ética japonesa, e está implicada e exposta até no japonês contemporâneo, em expressões linguísticas como: (...) "a mão que saiu fora da minha vontade", ou "a língua escorregou", "o corpo não me obedece"... etc, expressões todas elas, que nos dão uma visão dinâmica e vitalista do mundo sem criador. (OSHIMA, 1992, pg. 30)

Tal perspectiva dentro da narrativa mítica remete inclusive aos ciclos sazonais do próprio crescimento vegetal, ao mostrar o mundo como “uma contínua criação espontânea” (OSHIMA, 1992, pg. 28). Uma outra visão sobre a natureza muito presente na cultura japonesa advém do budismo, mais especificamente da vertente *Mahayana*, na qual Buda se apresenta como os elos que impedem a separação dos

processos do ambiente para com os seres humanos. E, nesse contexto, Christine Greiner destaca em seu livro *Leituras do Corpo do Japão*:

(...) no budismo *Mahayana*, que também impacta a cultura japonesa no que se refere ao entendimento de natureza, compreendia-se que todos os seres conscientes eram possuídos por Buda. Quando este ensinamento chega ao Japão é interpretado de modo a significar que todas as coisas podem ter Buda, não apenas seres sencientes humanos, mas também outros animais, objetos inanimados como a terra, as montanhas e os rios. Há, neste sentido, uma noção de natureza intrinsecamente ligada à religião. (GREINER, 2015, p.36).

É necessário destacar também, mesmo com mudanças relativas ao entendimento de natureza ao longo da história, que tal entendimento nunca esteve separado da cultura no que tange o contexto japonês (GREINER, 2015, p.40).

ESPADAS E NATUREZA

Um dos elementos importantes no presente estudo que foram analisados é representado pelas artes marciais, em especial a esgrima. No contexto específico da imagem da espada, certas características do pensamento mítico do Japão, transbordam para o preparo dessas

armas com o uso de um processo pelos ferreiros que esfumaçam a barreira de certas práticas de santuários xintoístas para o interior de suas forjas, fortalecendo uma visão de não separação para com o ambiente. Alguns exemplos que reforçam esta constatação, são retratados pela purificação pela água (SAKURAI, 2014, pg. 333), pelo uso de vestes brancas muito similares às dos sacerdotes xintoístas e por fim, pela adoção de ritos de invocação dos espíritos ou *kami* para que habitem a nova lâmina da espada como sua morada (TURNBULL, 2010, pg. 10). Tal processo pode contribuir na perspectiva daquele objeto como uma continuação corpórea do espadachim que maneja a arma e não somente como um objeto isolado, ou como disse Tokugawa Ieyasu; a espada seria a alma do guerreiro (TURNBULL, 2003, pg. 95). Ademais, segundo o autor George Guimarães, *menkyo* do estilo de esgrima japonesa *shintō-ryū*, em seu livro comenta sobre como as primeiras espadas japonesas haviam sido manufaturadas à maneira chinesa, visando o aspecto perfurante, possuindo uma lâmina retilínea e dois gumes. Todavia, segundo Guimarães tal característica seria mais adequada para um biotipo mais alto e longilíneo dos chineses do que se comparado a menor estatura média dos japoneses. Esta situação de inadequação parece ter sido um dos possíveis motivadores para a alteração do corpo dessa arma ao ser forjada no arquipélago nipônico, que se traduziu na construção da espada, a qual passou a ter uma lâmina curva e apresentou ainda uma mudança do enfoque perfurante para ganhar também a característica de corte (GUIMARÃES, 2001, p. 110-114). Outro aspecto importante diz respeito ao próprio terreno das ilhas do Japão, que não possuía minério de ferro com qualidade na mesma proporção que a China. Logo, métodos de forja diferenciados tiveram que ser desenvolvidos para otimizar a utilização desse recurso natural escasso (TURNBULL, 2010, p. 10-15). Tais exemplos são úteis para transmitir uma ausência de separação entre natureza e o ser humano, seja através do corpo do espadachim com o formato da lâmina ou o ferreiro com o terreno do país específico em que a forja é realizada. Em ambos os casos nota-se a ocorrência de um processo dinâmico como o que se desenvolve entre dois parceiros de dança possuindo suas especificidades, porém abertos à escuta um do outro para realizarem sua obra, isto é, o seu processo de relação da melhor forma possível.

Katanagatari: O fenômeno escolhido para a análise em apreço é o animê *Katanagatari*. Sua narrativa se passa no Japão da era Edo, porém é retratada uma realidade alternativa, onde o poder político está nas mãos de um clã ficcional chamado Yanari, ao invés da família Tokugawa. A serviço deste governo, está um dos protagonistas, a estrategista Togame, que tem por objetivo encontrar as "doze espadas amaldiçoadas do ferreiro Shikizaki Kiki". Deve-se salientar que essas espadas são capazes de corromper a mente dos espadachins que se aventuravam a empunhá-las. Entretanto, Togame não se considera apta o bastante para cumprir tal missão por conta própria, para isso ela recorre à Yasuri Shichika, mestre do *Kyōtōryū*, (O estilo da espada vazia), um estilo de esgrima que não utiliza espada, onde o próprio praticante é visto como uma espada e a pessoa que ele quer proteger é seu espadachim. A própria premissa desse animê sobre o conceito do *Kyōtōryū* já explicita a idéia da forte relação entre o sujeito praticante da arte marcial e o objeto espada, porém em diversos elementos visuais da série, imagens da natureza em especial das plantas se infiltram na tela complementando ainda mais essa tapeçaria audiovisual. Em termos de imagens presentes no animê *Katanagatari* que expressam uma relação mais explícita da natureza para com o ser humano, merecem destaque especial os golpes e posições do estilo de esgrima *Kyōtōryū*, visto que esses possuem nomes de flores como, lírio, narciso, paeonia, magnólia, papoula, orquídea, rosa, violeta, dente de leão e muitas outras. A propósito, no livro dos cinco anéis, Miyamoto Musashi comenta em determinada passagem sobre o golpe do *momiji*. Essa técnica de esgrima visava derrubar a espada do adversário (MIYAMOTO, 2010, pg. 75). No caso, esse termo pode significar "folhas vermelhas", possivelmente para designar as folhas secas que caem no outono, como por exemplo a folha de bordo japonesa, que adorna o design do personagem Yasuri Shichika, seja em suas roupas, ou mesmo o formato de seu cabelo.

É possível ainda encontrar uma relação entre a queda outonal da folha de bordo, com a trajetória de Shichika. Ao longo de sua jornada o protagonista de *Katanagatari* vai fortalecendo seus laços com Togame e assim vai descobrindo sua humanidade. No entanto, quando a espadachim de Shichika é morta, ele finalmente se entrega e "cai" de sua recém descoberta condição de humano para se tornar apenas uma arma. Deve-se destacar, porém que o arco desse personagem e sua relação com Togame serão exploradas em mais detalhes adiante no presente estudo. Outra relação entre a imagem da espada com a natureza aparece no episódio nove de *Katanagatari* com *Ōtō Nokogiri*, uma espada de madeira com a alcinha de rei das espadas, a única espada que não possui o veneno demoníaco das outras armas feitas pelo ferreiro Kiki e que, ao invés disso, emana um poder de purificar as demais lâminas e a mente do espadachim que a empunha. Em adição a isso, é necessário destacar também a existência de uma relação entre essa "pureza" que a espada evoca com o estilo de luta de sua espadachim, Kiguchi Zanki, estilo esse chamado *Shinō Issō*, e que abomina mortes desnecessárias, difundindo o uso de uma espada para a vida.

Tais abordagens dialogam não só com aspectos da natureza, mas também com a noção taoísta dos cinco elementos, a qual estabelece que o universo é regido por cinco energias em constante mutação, sendo elas representadas pelas seguintes imagens elementares: água, fogo, terra, metal e madeira. Nessa visão, a madeira está associada à primavera, ao início da vida, à suavidade e uma maleabilidade que antecede o amadurecimento, enquanto que o metal (presente nas lâminas assassinas de aço) liga-se ao outono, à frieza e a rigidez (LAO, 2011). E, por fim outra planta recorrente nos animês e presente nessa história é o *higanbana*, (Lírio da aranha vermelha), que no budismo pode indicar uma noção de recorrência e do movimento cíclico da existência (CAVALLARO, 2009, pg. 54). No entanto, ela costuma florescer no equinócio de outono e murchar na primavera. Nesse contexto, deve-se considerar que o equinócio de outono é conhecido por ser um período propício para se comunicar com o sobrenatural e, devido a isso, esse lírio ganhou os apelidos de flor espírito, flor do inferno. Além disso, este lírio possui também um bulbo venenoso, o que pode ter contribuído para essa sua reputação de trazer mau agouro (CAVALLARO, 2009, pg. 54). A relação desse lírio com a imagem da espada pode também ser vista na animação *Katanagatari*, pois logo na sequência de abertura da primeira temporada, essa flor surge em primeiro plano em uma cena em que o casal protagonista olha o sol se pondo, possivelmente como um prenúncio de conflitos entre a espadachim Togame e sua espada humana Shichika. Ademais, na sequência de encerramento do nono episódio, esses lírios reaparecem e o mais interessante é que essa parte específica da história conta com várias sequências em que Togame pensa que Shichika a está traindo, ao se envolver romanticamente com a personagem Kiguchi Zanki. Esse fato novamente remete também a uma possível cisão e afastamento futuro entre os dois, dado que Togame morre no décimo segundo episódio. Esse exemplo de uso da imagem dessa planta ultrapassa os limites somente de algo presente no roteiro dos episódios para compor uma constelação de imagens de um modo mais complexo e trazer uma rede de relações do ambiente cultural de modo a transmitir um determinado efeito emocional para o espectador, especialmente àquele devidamente contextualizado com o território cultural em que essa imagem floresce.

Artes Marciais e a Relação Com a Natureza: É importante destacar que "as concepções mais antigas de corpo no Japão foram importadas da Índia e da China (...). Em todas as práticas e definições há referências a duas noções primordiais: a impermanência e a aliança entre natureza e cultura." (GREINER, 2015, p. 17). Com tal colocação posta deve-se ressaltar ainda, para entender melhor a interação entre humanos e o ambiente, a prática de alguns treinamentos marciais, em especial de certas técnicas de combate chinesa do Kung Fu, onde é possível perceber uma relação de ausência de separação do ser humano com a natureza expresso em movimentos que remetem a formas animais, de maneira análoga ao que é visto em *Katanagatari* com os movimentos inspirados nas plantas.

Desde os tempos mais remotos, o ser humano tem procurado identificar características próprias dos animais que vivem ao seu redor, chegando ao ponto de imitá-los e até mesmo se identificar com eles. Na China antiga, entre os anos 184 e 220 d.C. (Final da dinastia Han do Leste), surge o famoso médico Hua To, que criou uma série de exercícios que imitavam as formas do tigre, do veado, do urso do macaco e de algumas aves (*wu qin xi*). Esses exercícios influenciaram no nascimento do *chi kung* e do boxe imitativo (*xiang xin quan*). Desse modo, existem estilos de kung fu, tanto no norte quanto especialmente no Sul, que se identificaram com certos animais (...). (ACEVEDO, GUTIÉRREZ, CHEUNG, 2011, p. 102).

No caso específico da animação *Katanagatari* e dentro desse aspecto, é válido destacar o personagem Kamakiri, um ninja do grupo Maniwa que persegue os protagonistas e cujas vestes remetem ao louva-a-deus, um predador voraz e capaz de enfrentar oponentes até seis vezes maior que seu tamanho, tendo inclusive inspirado técnicas de *kung fu* (OLSON, 2010, pg. 1). É importante ressaltar que, apesar da possibilidade de certos movimentos marciais terem sido inspirados em animais à partir da observação destes interagindo com seu ambiente, isso não é sinônimo de uma mera tentativa de imitação, ou nas palavras do autor americano Tim Cartwell que possui diversas publicações sobre o tema "(...) as formas animais do xingyi quan não se baseiam na imitação, mas representam uma certa energia e atitude específica que ensinam ao praticante como mover-se para depois serem aplicadas no combate." (ACEVEDO, GUTIÉRREZ, CHEUNG, 2011, p. 102). Todavia, isso não quer dizer que certos estilos não migraram para uma abordagem mais calcada na imitação direta, resultando em movimentos, formas e técnicas exageradas (ACEVEDO, GUTIÉRREZ, CHEUNG, 2011, p. 102). Hong Yixiang (1925-1993), um taiwanês especialista em técnicas de kung fu "internas" se aproxima da perspectiva de Cartwell ao dizer:

Nós seres humanos não somos como os outros animais, não possuímos garras ou caninos afiados... Somos animais mais frágeis. Quando a garça bate suas asas, existe uma forma e uma intenção, a forma é o movimento das asas, a intenção é a de voar, e nós imitamos essa intenção com nossos punhos... (ACEVEDO, GUTIÉRREZ, CHEUNG, 2011, p. 102-103).

Além da relação presente no Kung Fu das artes marciais com os animais, refletir sobre os ancestrais da espada pode abrir perspectivas interessantes também. Galhos, usados como sondas para alcançar comida e ferramentas de pedra não são formas de interação com o ambiente exclusivas dos seres humanos, tal como demonstra o estudo de Jane Goodall que foi a primeira primatóloga a descobrir o contrário em seu trabalho com chimpanzés na década de 1960 (HASLAM, 2019, p. 60). No entanto, é importante destacar que essa capacidade de transmutar rochas e resignificá-las em ferramentas, também não é domínio unicamente dos grandes primatas, pesquisas com macacos-prego no Brasil mostram esses pequenos seres dotados de cauda utilizando pedras para quebrar castanhas de caju, com registros fósseis que datam de 2.400 à 3.000 anos atrás. Isso tudo sem incluir as pesquisas envolvendo o uso de ferramentas por lontras marinhas e corvos (HASLAM, 2019, p. 63).

(...) chegamos ao fim da arqueologia antropocêntrica; daqui para frente, a arqueologia tem todo o comportamento passado em sua mira. Alguns estudiosos podem discordar de minha alegação de que a arqueologia é apenas um método, aplicável a qualquer animal que deixe um registro material duradouro sobre seu comportamento, e não algo reservado para a nossa própria linhagem. Mas o trabalho de um pequeno grupo de arqueólogos de primatas mostrou que ela pode abrir novas formas de ver tanto nosso próprio caminho evolutivo, quanto o de outras espécies. Claramente a tecnologia - a integração qualificada e instruída da cultura material em nossas vidas - não é uma singularidade específica dos humanos. (HASLAM, 2019, p. 63).

Além das posições de mãos remetendo as asas de uma garça, o ato de se relacionar com a natureza e desenvolver ferramentas como a

espada, também sob essa óptica, levaria os ferreiros e espadachins a uma posição que configura ausência de separação de suas individualidades para com a natureza, não sendo melhores ou piores do que os pequenos e caudados macacos-prego.

A Forja da espada através da relação com o espadachim: Como foi mencionado na apresentação do presente fenômeno de estudo, o estilo de esgrima ficcional presente em *Katanagatari* coloca o praticante dessa arte na posição de espada e a pessoa a ser protegida por essa espada é quem seria o espadachim da relação, logo tais especificidades que se estabelecem através dessa relação, não estão completas em si mesmas. Dito isso é interessante explicar brevemente a noção de *ba* presente na cultura japonesa.

A noção de *ba* (場) também é importante. Ela não se refere propriamente a uma organização, empresa ou instituição, como alguns autores interpretam. Também não seria apenas um lugar ou procedência, mas uma espécie de estrutura ou moldura que define um grupo como: a esposa no *ba* da família, o funcionário no *ba* da empresa. É, portanto, mais do que um emprego ou dado familiar, aquilo que define se alguém está ou não incluído em uma estrutura específica. Como o sentido de coletividade no Japão sempre foi muito importante, o *ba* representa o indivíduo constituído no coletivo e não individualmente. (GREINER, 2015, p. 53).

Com isso posto é possível apresentar a personagem Togame, a espadachim de Shichika e a co-protagonista de *Katanagatari*. Ela é uma auto-intitulada estrategista que trabalha para o xogunato Yanari. Decorrente de estratégias para cumprir as suas tarefas, ela viaja para a ilha onde reside Shichika a fim de buscar ajuda para encontrar as doze espadas amaldiçoadas feitas por Shikizaki Kiki. Originalmente Togame havia contratado o grupo de ninjas Maniwa para o serviço, porém eles traíram-na devido ao valor inestimável das espadas que eles poderiam revender. Depois disso, ela contratou Sabi Hakuhei, um samurai que possuía a alcunha de maior espadachim do Japão, entretanto ele acaba sendo contaminado pela maldição da espada que envenena sua mente, fazendo-o trair Togame para seguir seu rumo como espadachim, só que agora portando uma das lâminas de Kiki. Ao chegar na ilha que era lar da família Yasuri, Togame está a procura de Mutsue, o herói da rebelião e sexto sucessor do *Kyōtōryū*, o estilo de arte da espada em que o praticante não usa espada. Porém ela descobre que Mutsue está morto e que o sétimo sucessor é seu filho Yasuri Shichika. Togame ao conhecer o sucessor do *Kyōtōryū*, expõe seu raciocínio no sentido de que que ela não poderia confiar em pessoas que trabalhavam por dinheiro como os ninjas Maniwa, nem em pessoas que dedicavam a sua vida pela honra como espadachim, uma vez que esses também poderiam traí-la como Sabi Hakuhei. Portanto, ela só poderia contar com a cooperação de alguém que trabalhasse por amor e, assim, ela prontamente pede para que Shichika se apaixone por ela, pois crê que o amor superaria todas as outras tentações da jornada. E, estranhamente, Shichika aceita Togame como sua espadachim e ele decide ser uma arma humana e se tornar a lâmina pessoal dela em sua busca.

Após os dois selarem sua parceria, Togame dá quatro ordens para sua espada humana; a primeira ordem era a de que ele deveria proteger as espadas amaldiçoadas, pois se faltasse apenas uma delas sequer, a busca teria sido em vão. A segunda era que Shichika deveria proteger Togame, pois de nada adiantaria eles terem as espadas em mãos, se ela não sobrevivesse. A terceira ordem era que Shichika protegesse sua própria vida. Todavia, Togame deixa claro que ela não estava sendo generosa ao dar essa terceira ordem, uma vez que sem ele não seria possível recobrar todas as espadas. Por fim, a última ordem era que Shichika protegesse a si próprio e que dessa vez era porque Togame estava sendo generosa com ele. Na conclusão de sua jornada, Togame é fatalmente ferida pelo portador da última das espadas que trabalhava para o xogunato e, em seu leito de morte, ela revela que sua motivação era vingar seu falecido pai, Hida Takahito e que depois que todas as doze armas tivessem sido coletadas, ela iria matar Shichika, pois ela nunca tinha perdoado os Yasuri. Togame diz que aos poucos outros sentimentos foram brotando em seu peito

durante a jornada e que as palavras doces dela para Shichika eram verdadeiras, ainda que ela tivesse usado seus próprios sentimentos como peças num tabuleiro. A última ordem dela para sua espada humana Shichika era que ele deveria esquecê-la e, por fim antes de morrer, ela pergunta se estaria tudo bem se dessa vez ela não se apaixonasse por ele.

Sem a presença de Togame, Shichika tornou-se apenas uma espada sem espadachim e seu coração se esvaziou e sem ela, ele não vê sentido em obedecer sua última ordem, decidindo ir até a fortaleza do Xogum em Owari rumo a própria morte, dado que todas as espadas de Kiki estavam reunidas lá em posse de vassallos a serviço do Xogum. Em um determinado ponto da história de Katanagatari, uma das oponentes de Shichika profere a frase destacando o fato de que os praticantes do *Kyōtōryū* não poderem utilizar espadas, o que pode ser encarado como uma espécie de maldição. Ao se trazer a perspectiva processual ao objeto “espada”, em especial no sentido de ressaltar de que não se trata de um elemento isolado mas de uma relação entre as mãos de ferreiros com minerais do solo, fogo, forja e corpo do espadachim, bem como do oponente por ele cortado, pensar em um estilo de esgrima em que o praticante não pode usar uma espada poderia ser interpretado como privar aquela pessoa espadachim de estabelecer relações ou melhor de sentir tais laços e elos. Assim esta situação de privação, que expressa a ausência de uma separação para com as outras pessoas e as demais singularidades da natureza, iria interferir na percepção que aquele ser possui de si mesmo. Deve-se ressaltar que diante da morte, a espadachim Togame revelou como a jornada com Shichika por diversas partes do Japão, como Owari, Ezo, Inaba, Izumo, havia transformado ela em parte, porém o seu desejo de vingança não havia sido afetado por tais fluxos, resistindo às mudanças do tempo e possivelmente o mais devastador para ela tenha sido a ausência de separação que ela sentiu para com Shichika, o filho do homem que matou seu pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O treinamento, a jornada marcial de aperfeiçoamento corrobora com a ideia de processo, de incompletude. Por sua vez, a ideia de um produto, finalizado, fechado em si mesmo, por mais que tenha partido de especificidades materiais da natureza, pode resultar em atitudes violentas acrescido do tato de que tal visão fortalecida por práticas que intensificam uma noção de mundo onde as manifestações singulares da natureza estão separadas e o rompimento de laços sociais se fazem necessários para atingir o objetivo de se forjar uma “arma suprema”.

Tais reflexões possuem o potencial de instigar movimentos corporais e culturais que corroborem com o fluxo dinâmico de relações entre as múltiplas singularidades da existência. E, no que tange especificamente ao tópico das artes marciais, Katanagatari permite uma perspectiva dessa prática corporal de combate como algo complexo com o potencial que ampliar a sensação de ausência de separação do praticante para com os componentes do espaço em que este está inserido.

Agradecimentos

O presente artigo não teria sido possível sem o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da orientação das professoras Lucia Leão e Christine Greiner da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), do Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e da minha família.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, W.; GUTIÉRREZ, C.; CHEUNG, M. Breve história do Kung Fu. São Paulo: Madras, 2011.
- CAVALLARO, D. Anime and memory: Aesthetic, cultural and thematic perspectives. Carolina do norte: McFarland e Company, 2009.
- GREINER, Christine. Leituras do Corpo no Japão e suas diásporas cognitivas. São Paulo: N-1, 2015.
- GUIMARÃES, G. A magia da espada japonesa. São Paulo: Cultrix, 2001.
- HASLAM, M. Os outros usuários de ferramentas Escavações de ferramentas de pedra deixadas para trás por primatas não humanos estão iluminando as origens da inovação tecnológica em: Scientific American Brasil. São Paulo: Ano 17, n. 195, pp. 58-63, mai. 2019.
- LAO, T. Tao te ching: O livro do caminho e da virtude, Rio de Janeiro: Maud, 2011.
- MIYAMOTO, M. O livro dos cinco anéis Gorin no sho. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.
- OLSON, S. A. The complete guide to northern praying mantis kung fu. California: Blue Snake Books, 2010.
- OSHIMA, H. O pensamento japonês, São Paulo: Editora Escuta, 1992.
- SAKURAI, C. Os japoneses. São Paulo: Contexto, 2014.
- TURNBULL, S. Katana: The samurai sword. Oxford: Osprey publishing, 2010.
- TURNBULL, S. Samurai the world of the warrior. Oxford: Osprey
